



GIL VICENTE

*Não se
embarca a
tirania
neste batel
divinal.*

NESTA EDIÇÃO

O Arauto Gil Vicente	1
Editorial	2
Nossa Gramática	2
A literatura em teatro	3
Contra a morte e o amor não há quem valia	3
O Auto da Barca para o Inferno	4
É possível entender	5
A Farsa de Inez Pereira	6
Décadas atrás! Biografia	7
Décadas atrás! O Proce- so, de Kafka	8

O escritor Gil Vicente é imortal por sua obra de enriquecimento da língua portuguesa. Famoso por algumas obras, ele sempre deverá ser visto como um importante ator no cenário intelectual da literatura lusófona. Particularmente, o considero um verdadeiro arauto da língua portuguesa, junto de Camões e Antônio Vieira.

O arauto é aquela figura que vem à frente anunciando uma feliz notícia, ou anunciando a chegada de alguma autoridade importante e de grande relevância. Gil Vicente pode ser considerado um destes arautos em relação a grandeza e dignidade da língua à qual serviu com grande maestria. Talvez sua intenção pessoal não necessariamente se via nesta situação, mas o tempo acabou revelando sua consciente ou inconsciente atuação num importante anúncio ao mundo letrado da preciosidade da sua língua *mater* através de suas obras.

Ele é considerado um dos primeiros grandes escritores portugueses, possuindo vasta obra especialmente em poesia e teatro. Por isso é considerado pai do teatro português, e de fato existe um famoso Teatro que leva seu nome, além de um clube humilde de futebol que surgiu nos arredores deste Teatro.

O conjunto de sua obra é chamada de

“vicentina”, quando citada em artigos e estudos literários. Sua posição temporal e seu estilo inovador na época, o colocam como intermediário entre a Idade Média e a Renascença, o que o faz ser um escritor subsequente em estilo a Miguel de Cervantes, que ainda figura entre o estilo medievalista dos contos cavaleirescos, apesar de já possuir sinais de inovação e mudança de estilo. A dramaturgia vicentina apoia-se geralmente na visão apocalíptica da existência humana e na contraditória vida moral das pessoas, o que faz com que suas obras tragam fortes apelos moralistas nos diálogos e nas personagens apresentadas.

O seu primeiro trabalho conhecido, a peça em castelhano Auto da Visitação, também conhecido como Monólogo do Vaqueiro, foi representada nos aposentos da rainha D. Maria, consorte de Dom Manuel, para celebrar o nascimento do príncipe (o futuro D. João III), sendo esta representação considerada como o marco de partida da história

do teatro português.

Deste modo, existe suficiente razão para que considere Gil Vicente em sua obra um verdadeiro arauto da língua portuguesa e da literatura portuguesa.



EDITORIAL

Estamos numa grande e histórica batalha. Uma batalha que podemos considerar interminável e bem-aventurada. Nosso empenho por não somente adquirir cultura, aperfeiçoar a linguagem, não deve restringir-se ao engrandecimento pessoal, como se desejássemos escrever uma grande “ode” de si mesmos.

O campo desta batalha de desenvolvimento cultural e difusão deste, é cada espírito humano que podemos atingir como nossos esforços. A leitura como hábito diário nunca deve ser transmitida como uma tarefa obrigatória, fazendo-a assemelhar-se a qualquer tipo de fardo pesado por mais que o resultado possa ser lindo e gratificante. Devemos levar a todos o hábito diário de leitura como necessidade. Seria como ensinar o espírito a identificar a fome que o devora, para que não se perca buscando qualquer alimento vazio e insubstancial.

Esta profunda e desejada substancialidade que a proximidade com a literatura traz, constata-se exemplarmente nas obras de Franz Kafka, merecidamente destacado nesta edição. Assim como a substancialidade linguística da imortal obra vicentina, oferece

conteúdo significativo para o leitor que facilmente se verá lançado num universo de vasto horizonte, que será muito mais grandioso que qualquer pretensão conhecida acabada, ou aquele típico conhecimento enquadrado em poucas “linhas” referenciais.

A profundidade temática encontrada nas obras de Kafka leva o leitor a voltar-se a si mesmo e voltar-se ao ser humano enquanto ser dotado de razão e espírito que não o deixa navegar em mares sombrios da materialidade informe e sem vida de uma observação indelicada e sem sensibilidade da ação humana e seus efeitos.

A manifestação literária kafkiana nos pode levar a becos obscuros do ser humano, nos seus efeitos em sociedade especialmente. Claro que a crítica social é evidente em tal conjunto de obras, mas não nos faz perder a chance de ver a fragilidade de um espírito que pode voar mais alto.

Interessante que mesmo a obra vicentina, destacada como fundamento de uma linguagem em evolução, parece não se contrapor aos temas kafkianos, no sentido de pôr mais uma vez ao entendimento mais completo dos assuntos humanos quando existe primeiramente, o desenvolvimento de uma linguagem aguçada, clara e desenvolvida.

G Nossa Gramática

Acentuação Gráfica

As palavras proparoxítonas são aquelas em que a acentuação gráfica consiste na colocação de acento ortográfico para indicar a pronúncia de uma vogal ou marcar a sílaba tônica de uma palavra. Os nomes dos acentos gráficos da língua portuguesa são:

acento agudo (´)

acento grave (`)

acento circunflexo (^)

Os acentos gráficos são elementos essenciais que estabelecem, por meio de regras, a sonoridade/intensidade das sílabas das palavras.

Acentuação das palavras oxítonas

As palavras oxítonas são aquelas em que a última sílaba é tônica (mais forte). Elas podem ser acentuadas com o acento agudo e com o acento circunflexo.

Obs.: há exceção nas formas da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos derivados de “ter” e “vir”. Nesse caso, elas recebem acento circunflexo (retêm, sus-têm; advêm, provêm).

Acentuação das palavras paroxítonas

As palavras paroxítonas são aquelas em que a penúltima sílaba é tônica (mais forte).

Obs.: não se acentuam graficamente os ditongos representados por -ei e -oi da sílaba tônica das paroxítonas: assembleia, boleia, ideia, onomatopeico, proteico, alcaloide, apoio (do verbo apoiar), tal como apoio (substantivo), boia, heróico, jiboia, moína, paranoico, zoina.

Fique Atento!

O acento circunflexo é obrigatório na palavra pôde na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Isso acontece para distingui-la da forma verbal correspondente do presente do indicativo: pode.

Acentuação das palavras proparoxítonas

As palavras proparoxítonas são aquelas em que a antepenúltima sílaba é a tônica (mais forte), sendo que todas são acentuadas.

Atenção!

Palavras derivadas de advérbios ou adjetivos não são acentuadas: Avidamente, de ávido; debilmente, de débil; etc.

A LITERATURA EM TEATRO

Que a literatura abarca uma gama bem diversificada de gêneros, ninguém põe em contestação. Alguns são mais conhecidos do que outros entre os leitores de modo geral, destacando-se em sua maioria a poesia e o romance. Mas o estilo dramático merece atenção por surgir na gênese do exercício literário, e parece fácil lembrar das encenações teatrais gregas, apresentadas nos seus famosos teatros de pedras ao ar livre.

Os gêneros tragédia, comédia, drama, romance, tragicomédia subsistem dentro do estilo literário que chamamos de “teatro” ou apenas dramático. De fato, uma peça teatral pode ser enquadrada como uma peça cômica, ou numa mistura entre o trágico e a comédia, o que chamamos de tragicômica. Tam-



bém podemos encontrar peças teatrais envoltas de um drama profundo, que revela especialmente em diálogos profundos, assuntos de notável reflexão existencial ou situados na esfera moral. O gênero romance no teatro acaba por diluir-se muito entre os outros gêneros já citados, mas pode protagonizar toda a obra, e peças como “Romeu e Julieta” de Shakespeare são exemplos disto, mesmo tendo certa tom de dramaticidade, mas que não sobressaem-se ao enredo suave do romance sentimental a florado nos personagens.

O teatro é escola introdutória para toda e qualquer literatura, observando-se que a mesma teve sua origem não somente para que se escreva livros, mas para que apresentasse-se de forma representativa aos que não conseguiam acesso a livros, como na Grécia antiga e também nos primórdios da literatura portuguesa, como no tempo de Gil Vicente.

A literatura em teatro traz exercícios não somente de imaginação criativa, mas de aperfeiçoamento comportamental dos personagens diante da própria realidade da ação humana, pois uma obra destaca-se na história especialmente por sua fidelidade às manifestações humanas.

Pedro Dóxil

pedrodoxil.oleitor@gmail.com

CONTRA A MORTE E O AMOR NÃO HÁ QUEM TENHA VALIA

Era ainda o mês de abril,
de maio antes um dia,
quando lírios e rosas
mostram mais sua alegria;
pela noite mais serena
que fazer o céu podia,
quando Flérída, a formosa
infanta, já se partia,
ela na horta do pai
para as árvores dizia:
“Ficai, adeus, minhas flores,
em que glória ver soái.
Vou-me a terras estrangeiras,
a que ventura me guia.
Se meu pai me for buscar,
que grande bem me queria,
digam-lhe que amor me leva,
e que eu sem culpa o seguia;
que tanto por mim porfiava
que venceu sua porfia.

Triste, não sei aonde vou,
e a mim ninguém o dizia!”
Eis que fala Dom Duardos:
“Não choreis, minha alegria,
que nos reinos de Inglaterra
mais claras águas havia,
e mais formosos jardins,
e vossos, senhora, um dia:
tereis trezentas donzelas
de alta genealogia,
de prata são os palácios
para vossa senhoria;
de esmeraldas e jacintos,
de ouro fino da Turquia,
com letreiros esmaltados
que minha vida à porfia
vão contando, e as vivas cores
que vós me destes no dia
em que com Primaleão
fortemente combatia:

senhora, vós me matastes,
que eu a ele não temia.”
Os seus prantos consolava
Flérída, que tudo ouvia;
foram-se então às galeras
que Dom Duardos havia:
por cinquenta se contavam,
todas vão em companhia.
Ao som de seus doces remos
a princesa se adormia
nos braços de Dom Duardos,
que bem já lhe pertencia.
Saibam quantos são nascidos
que sentença eu lhes diria:
que contra a morte e o amor
não há quem tenha valia.

Gil Vicente, in 'Antologia Poética'

O AUTO DA BARCA PARA O INFERNO

Parece impossível não ler o Auto da Barca para o Inferno, do escritor português Gil Vicente. Todos aqueles que admiram e procuram interessar-se mais pela língua portuguesa desde sua nascente, acabam por conhecer este escritor e ter contato com esta obra em especial.

Gil Vicente escreve com características de seu tempo, uma cultura situada entre os séculos XV e XVI. A forma de teatro é especialmente utilizada neste tempo e especialmente por escritores que desejam fazer além de arte, certa crítica religiosa e social. Em o Auto da Barca para o Inferno (ABI, a partir daqui), o escritor desenvolve nos curtos diálogos entre o Diabo e os personagens que vão aparecendo, temas que deviam ser muito observáveis na época do escritor, como por exemplo, a corrupção dos nobres e do clero, ou mesmo a ganância dos bancários. Temas sensíveis para estas classes por tocar em feridas que os mesmos não conseguem e talvez nem queiram curar, aparecendo o mais grave dos erros ou pecados, a arrogância e teimosia.

Gil Vicente faz com que de todos os personagens, somente um seja reconhecido como digno de subir à barca do Anjo que leva ao Paraíso. De fato, é interessante que o Anjo que leva ao Paraíso possui pouquíssimas falas nesta obra, intensificando também a compreensão do autor de que é mais fácil ver as pessoas encaminhando-se para o Inferno do que para o Paraíso.

De todos os “danados” que sobem desgraçadamente na barca do Diabo, talvez o Corregedor e o Procurador chamem a atenção do leitor atual pelo tema do judiciário e seu exercício estar na maioria

das conversas na sociedade atual. Eles eram representantes da lei, mas ambos vão para o inferno, pois foram acusados de serem manipuladores e utilizarem das leis e da justiça para o bem e interesses pessoais. Estes comportamentos que levaram os dois para o inferno são de difícil eliminação na história do exercício destas funções, visto a facilidade da corrupção moral e intelectual nesse meio.

“DIABO: *Et vobis quoque cum ea*, (E vós também com ela)

A Deus não temeste.

E de grande modo enriqueceste
Sanguinis laboratorum, (com o sangue dos que trabalham)

Ignorantis peccatorum. (Pecaste, ignorando-os)

Ut quid eos non audistis? (E porque não os atendeste?)”

Talvez hoje, Gil Vicente poderia até ser censurado, mas sua crítica social neste ponto é válida como tam-

bém sua obra.

Mas também chama a atenção os cavaleiros que foram para o Paraíso. O autor viveu no tempo em que ser cavaleiro demonstrava a grandeza de caráter e também de fé, especialmente se eram do tipo cruzados, que lutavam pela expansão do cristianismo. Aqui o escritor revela o pensamento da época, que considerava que todo cavaleiro que levantasse a bandeira de Cristo e da Igreja Católica, era digno de perdão de seus erros durante estas batalhas. Assim, considerava-se o tamanho do sacrifício que o cavaleiro fazia de bom grado, colocando-se em potencial risco de morte pela fé e pela Igreja.

“ANJO: Ó cavaleiros de Deus,
a vós estou esperando,
que morrestes pelejando
por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo mal,
mártires da Santa Igreja,
que quem morre em tal peleja
merece paz eternal.”

Uma obra profundamente moralizante, de fundo apocalíptico, colocando em evidência a ideia de que, no fim de nossa vida, seguiremos o caminho que pavimentos através de nossa fé e das atitudes. Não vejo como ignorar a clareza moral nos diálogos narrados, revelando os mais gerais aspectos das fraquezas humanas. Gil Vicente não é apenas um teatrólogo, mas um escritor claro quanto a natureza humana e nossa facilidade em não perceber o que de fundamental precisamos trabalhar.

Grazia Romano





É POSSÍVEL ENTENDER

Minha mãe sempre me dizia, “Nunca falte a escola se quiser ser alguém na vida”. Na sua sabedoria dos meus treze anos, sempre achei uma chatice este tipo de conselho e uma inutilidade. Quando a noite era obrigado a ir para o meu quarto para dormir e aos gritos ouvia um “apague essa luz”, começava, então, uma longa e cansativa batalha em minha mente, entre o que minha mãe me dizia e o que eu via ao meu redor, e um contraste muito grande surgia, pois não conseguia enxergar a comprovação visível daquilo que, simploriamente, minha mãe orientava.

Talvez aconteça a mesma coisa com a maioria dos jovens de minha idade, mas pareço ser diferente, pareço que ser um tipo estranho que não somente vê esta batalha interior, mas também pensa nela, sofre por ela e não consegue parar de pensar que talvez exista uma maneira de resolver este dilema entre conselhos da mãe verso realidade que consigo perceber.

E foi numa sala de aula que comecei a entender que poderia sim existir uma resposta, ou pelo menos um caminho a seguir em rumo de uma resposta.

Era uma destas manhãs meio aba-

fadas pelo calor intenso, quando você olha pela janela da sala de aula e vê as folhas das árvores completamente imóveis, representando a total imobilidade do ar fora dos prédios, uma terrível visão de quem sabe que isso significa em dia de grande calor: Nada de brisas frescas para amenizar o calor. Pois foi neste dia, com os alunos amuados pelo calor, que um professor substituto me surpreendeu.

Os professores substitutos geralmente tentam cativar primeiramente a simpatia dos alunos para depois tentar passar algum tema irrelevante para o conjunto de assuntos a serem cobrados em avaliações futuras. Este surpreendeu-me por não fazer exatamente isso. Simplesmente entrou na sala, largou sua maleta na mesa e falou alto:

- Todos vocês, sigam-me.

E saiu para o corredor. Ele substituiu a professora de história naquele dia. Olhamos uns para os outros, e um por um saímos atrás dele.

Ele nos reuniu no gramado externo da Escola, ao pé de uma grande árvore. Ficamos sentados no chão, e enfim ele começou a falar.

- Todos vocês não entendem nada!
- Nos olhamos meio estranhamente. Ele continuou.

- Todos vocês não entendem nada, do que os adultos dizem ser a realidade. Mas vocês entendem muito bem que é possível chegar ao entendimento desta realidade, porque todos vocês não se acham burros, incapazes de ver, e entender algo.

Este professor era formado em filosofia, e as poucas coisas que disse, abriram um caminho para mim.

Joana Silva (Pseudônimo)

Todos os escritores que nos enviam seus textos podem escolher revelar o nome verdadeiro, deixá-lo em anonimato ou publicar um pseudônimo (Pseudônimo ou pseudônimo, é um nome fictício usado por um indivíduo como alternativa ao seu nome real).



Patrocinadores

Diário

Artigos

Seja Membro

"A fidelidade à própria consciência já é o início."

Seja Membro

Acesse o site oficial do professor Valderi da Silva
www.valderi.com.br

Valmi Projetos & Comunicação

Serviço de escrita

E-mail: valderi@valderi.com.br

www.facebook.com/valmi.projetos

Painel profissional

Novas ferramentas já estão disponíveis.

Editar perfil Compartilhar p... Contato

O Leitor Cursos Serviços Novo

Assessoria Acadêmica

Siga no Instagram a página @valmi.pgc

_oleitoroficial

67 publicações 75 seguidores 30 seguindo

O Leitor

O Leitor - Informativo Literário

Organização: @societas_libri

Diretor: Valderi da Silva @prof_valderi_

Editor: Klaus Tolst @escritorweb (Twt)

Ver tradução

www.oleitor.info/

Seguido(a) por odontossulodontologia, milena_melo_da_silva e outras 6 pessoas

Seguindo Mensagem

Edições Notas Dica Leitura Eventos

Você sabia?

Siga no Instagram a página @_oleitoroficial

A FARSA DE INÊS PEREIRA

Esta obra vicentina - A Farsa de Inês Pereira - é uma obra que mistura elementos da comédia e da sátira social, refletindo as características do teatro vicentino. No enredo, Inês Pereira é apresentada como uma mulher que prefere o ócio e a vaidade à responsabilidade e ao trabalho. Ela é casada com um homem chamado Pero Marques, que a critica por sua falta de empenho nas tarefas domésticas.

Hoje encontramos revisões e edições desta pequena obra que diminuem um pouco a dificuldade da leitura, mas se o leitor aventura-se com uma edição mais fiel ao português com que escreveu Gil Vicente, perceberá certa dificuldade em ler e entender algumas partes dos diálogos. Confesso que algumas vezes tive que recorrer ao dicionário e a pesquisa para completar o entendimento de determinado trecho, o que não me desmotivou da leitura tendo em vista a beleza da obra.

O enredo traz os personagens Maria Inês, Pero Marques, mãe de Inês, Lianor Vaz - a casamenteira -, Latão e Vidal, Brás da Mata, Moço e o Ermitão, o falso eremita. A moça ociosa que não gostava muito do trabalho, acabou casando por interesse primeiro com Brás da Mata, que fora lhe apresentada pelos judeus Latão e Vidal. Brás indo para lutar na guerra acaba por falecer, e viúva Inês recebe novamente a investida de Lianor - a casamenteira - em favor de Pero Marques, que fora desdenhado por Inês numa primeira tentativa antes dela se casar com Brás da Mata.

Fugindo ao modo de lidar de Brás da Mata, Pero Marques dá a Inês uma vida totalmente livre, o que resulta também em um abuso de Inês, quase zombando do marido pela amabilidade e complacência dele. Um dia aparece um antigo namorado de Inês que finge ser um ermitão, adorador do deus Cupido. Ele pede um encontro com Inês e ela aceita. No cúmulo da mansidão de Pero Marques, Inês pede a seu marido que a leve às costas até o encontro amoroso com o falso eremita, e no trajeto canta uma canção em zombaria do marido pela infidelidade dela que ele nem percebe e até ajuda. E termina assim a farsa de Maria Inês, mulher aproveitadora daqueles que realmente a queriam bem.

Logo acima foi mencionado o tom moralizante desta obra vicentina. O autor não pode fugir do pensamento de sua época, que era predominada pela moral cristã católica. O discurso sobre virtudes e vícios era muito presente, e recebia tons mais enfáticos quando o as-

sunto era justamente o casamento e nele a fidelidade. Mas antes mesmo de falar da fidelidade de Maria Inês, é preciso ver seu vício pela ociosidade e pelo desleixo, pela não dedicação, e por isso seu empenho somente em procurar um marido que a "carregasse" nas costas.

"A pregação nas peças de Gil Vicente, apesar de aparecer quase sempre na forma de comédia, não deixa de ser trágica, um trágico implícito, não menos presente por ser oculto." (CASTRO, 2020)*. O revelador nestas obras está na profundidade da tragédia, mesmo que envolta em trejeitos cômicos dos personagens. A imortalidade de tal obra, mesmo que pequena, está justamente na tragédia da vida frágil do ser humano que pode ser uma Inês, um Marques ou um ermitão.

Cada personagem desta peça pode nos transmitir algo de ruim na humanidade, seja a luxúria, seja a vaidade, seja a preguiça, seja a falsidade, etc. Cada vício identificado nos personagens fazem o leitor pensar que o ser humano, na visão de Vicente, precisa reconhecer a mediocridade se deseja um dia consertar o que de mal existe em si mesmo.

O leitor não pode esperar docilidade e uma leitura suave de

A Farsa de Inês Pereira, porém, encontrará uma síntese de erudição dos primeiros escritores portugueses, que revelam simplicidade na trama, simplicidade dos personagens, e profundidade das ações. Parece inegável esta coadunação entre personagens simplórios, mas de ações eivadas de uma profunda inconsciência. Inconsciência para eles, mas de profundidade potencial para o leitor. Talvez a imortalidade desta obra resida precisamente nisso, precisamente neste detalhe que somente bons escritores conseguem registrar em seus livros.

Se tivesse que destacar outro personagem além de Inês, possivelmente seria o Pero Marques. Sua postura dócil para com Inês e até leviana, revela muito da figura masculina que tenta não cometer "opressões" às mulheres, confundindo respeito e diálogo com submissão permissiva. Marques pode não ser somente um homem em nosso mundo, pode ser qualquer figura que deva compartilhar e desenvolver uma complementariedade familiar. Sua figura poderia ainda ser mais abordada, mas acho que ficaria muito no psicologismo.



Valderi da Silva

valderi@valderi.com.br



DÉCADAS ATRÁS!

B I O G R A F I A

Nosso informativo literário enaltece-se com a possibilidade de, neste ano, lembrar os 100 anos da morte deste grande escritor, que até hoje é lido e comemorado em sua obra.

Franz Kafka, nascido em Praga, em 1883, foi um dos escritores mais influentes do século XX. Sua vida foi marcada por uma profunda introspecção e uma sensibilidade única para explorar os aspectos mais sombrios da condição humana. Filho de pais judeus de classe média, Kafka cresceu em uma atmosfera culturalmente rica, mas também permeada por uma relação complicada com a identidade judaica e a pressão familiar para seguir uma carreira convencional.

Após concluir seus estudos de direito, Kafka ingressou em uma companhia de seguros, onde trabalhou durante a maior parte de sua vida adulta. Essa ocupação, que exigia atenção meticulosa aos detalhes e conformidade com as normas burocráticas, contrastava fortemente com sua vocação literária. Kafka se sentia frequentemente alienado em seu ambiente de trabalho, uma sensação que se refletiria em muitas de suas obras posteriores.

Ao longo de sua vida, Kafka manteve uma intensa vida interior, marcada por uma luta constante entre o dever profissional e a busca pela expressão artística. Ele dedicava suas noites e fins de semana à escrita, muitas vezes em detrimento de seu sono e saúde. Sua persistência em conciliar suas responsabilidades profissionais com sua paixão pela escrita é testemunho de sua determinação e comprometimento com sua arte.

A carreira literária de Kafka foi marcada por uma série de desafios e frustrações. Suas obras foram recebidas com pouco entusiasmo durante sua vida, e ele teve dificuldade em encontrar um editor disposto a publicá-las. Kafka vivenciou períodos de dúvida e desânimo, questionando se sua escrita tinha algum valor ou significado.

No entanto, Kafka continuou a escrever incansavel-

mente, produzindo uma série de obras-primas que exploram temas universais como alienação, culpa, ansiedade e a luta do indivíduo contra forças opressivas e incompreensíveis. Seus contos e romances, como "A Metamorfose", "O Processo" e "O Castelo", desafiam as convenções narrativas tradicionais e mergulham nas profundezas da psique humana. Sendo algumas

bastante citadas em nossos dias por refletir temas obscuros e de difícil assimilação ainda em nossos dias, como a obra "O Processo" que parece encontrar bastante similitude com problemas sociais hodiernos.

Apesar de sua genialidade literária, Kafka foi amplamente incompreendido durante sua vida e teve poucas obras publicadas. Foi somente após sua morte prematura, em 1924, de tuberculose, aos 40 anos, que suas obras foram reconhecidas como peças fundamentais da literatura moderna. Seu amigo e executor literário, Max Brod, desobedeceu às instruções de Kafka de queimar seus manuscritos não publicados, garantindo assim que seu legado literário fosse preservado.

O impacto de Kafka na literatura e na cultura é imensurável. Sua abordagem única da alienação e da absurdidade influenciou uma geração de escritores, e seu nome se tornou sinônimo de uma visão sombria e inquietante da condição humana. Sua obra continua a ser objeto de estudo e interpretação, alimentando debates sobre a natureza da existência e o significado da vida até os dias de hoje. Kafka permanece, portanto, uma figura emblemática da literatura mundial, cuja obra transcendeu as fronteiras do tempo e do espaço.

Equipe O Leitor
oleitor.info@gmail.com





DÉCADAS ATRÁS!

O PROCESSO, DE KAFKA

Ainda no ano de 2023, dediquei um tempo para a leitura do livro "O Processo" de Franz Kafka. Este livro tem sido comentado em vários ambientes atualmente por conta da certa similitude com certos acontecimentos atuais em nosso país. Mas o que de fato traz este romance de Kafka? Esta resposta motiva hoje muitos leitores a procurar esta obra.

O livro de Kafka traz a história quase monótona de Joseph K., funcionário de um banco que inesperadamente recebe em seu pequeno apartamento dois agentes de justiça, pelo menos assim se apresentavam. Estes sem muitas explicações, o guardam - seria melhor dizer prendem - em seu próprio quarto à espera de um terceiro funcionário da justiça que o viria interrogar.

Assim, deste modo inesperado e sem qualquer ato que o tenha provocado, começa o livro em que Kafka nos apresenta um tema para além da mera ficção literária, um tema que assombra as nações democráticas: absolutismo judiciário, ou ditadura do judiciário. Apesar de não ser um livro sobre política em sua intenção primeira, "O Processo" acaba trazendo à baila o tema da preocupante anomalia de um sistema que deveria ser escravo das leis positivas criadas sob a batuta das liberdades individuais, mas que resolve revoltar-se contra seu senhor e assumir a própria existência como única autoridade, mesmo sobre a própria verdade e realidade.

Claro que a trajetória de Joseph K. desenrola-se com muitos pormenores, mas que servem de ilustração e apresentação desta corrupção existencial e funcional de um sistema que não deveria existir por si mesmo, senão em função de algo maior que a si mesmo. Por isso, muitos casos estranhos do nosso tempo acabam ganhando a alcunha de "processo kafkiano", remetendo a esta semelhança que na obra de Franz Kafka encontramos com a realidade.

Uma leitura muito interessante para nossos dias, que serve-nos também para alargar nossos horizontes literários.



Ainda no ano de 2023, dediquei um tempo para a leitura do livro "O Processo" de Franz Kafka. Este livro tem sido comentado em vários ambientes atualmente por conta da certa similitude com certos acontecimentos atuais em nosso país. Mas o que de fato traz este romance de Kafka? Esta resposta motiva hoje muitos leitores a procurar esta obra.

O livro de Kafka traz a história quase monótona de Joseph K., funcionário de um banco que inesperadamente recebe em seu pequeno apartamento dois agentes de justiça, pelo menos assim se apresentavam. Estes sem muitas explicações, o guardam - seria melhor dizer prendem - em seu próprio quarto à espera de um terceiro funcionário da justiça que o viria interrogar.

Assim, deste modo inesperado e sem qualquer ato que o tenha provocado, começa o livro em que Kafka nos apresenta um tema para além da mera ficção literária, um tema que assombra as nações democráticas: absolutismo judiciário, ou ditadura do judiciário. Apesar de não ser um livro sobre política em sua intenção primeira, "O Processo" acaba trazendo à baila o tema da preocupante anomalia de um sistema que deveria ser escravo das leis positivas criadas sob a batuta das liberdades individuais, mas que resolve revoltar-se contra seu senhor e assumir a própria existência como única autoridade, mesmo sobre a própria verdade e realidade.

Claro que a trajetória de Joseph K. desenrola-se com muitos pormenores, mas que servem de ilustração e apresentação desta corrupção existencial e funcional de um sistema que não deveria existir por si mesmo, senão em função de algo maior que a si mesmo. Por isso, muitos casos estranhos do nosso tempo acabam ganhando a alcunha de "processo kafkiano", remetendo a esta semelhança que na obra de Franz Kafka encontramos com a realidade.

Uma leitura muito interessante para nossos dias, que serve-nos também para alargar nossos horizontes literários.

*Originalmente publicado em www.valderi.com.br (16/01/2024).

Valderi da Silva

valderi@valderi.com.br



Apoio e divulgação:

VALMI

Projetos G. e C.

fb.com/valmi.projetos

Instagram.com/valmi.pgc



Organização:

Societas Libri

Sociedade de Literatura

twitter.com/LibriSocietas

Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

oleitor.info@gmail.com

Ou faça a assinatura mensal pelo link www.oleitor.info/assinatura